



O NÃO-DITO COMO ESPAÇO DE SENTIDO: LINGUAGEM E CONSCIÊNCIA NO DIÁLOGO ENTRE
BAKHTIN E VYGOTSKY
THE UNSAID AS A SPACE OF MEANING: LANGUAGE AND CONSCIOUSNESS IN THE DIALOGUE
BETWEEN BAKHTIN AND VYGOTSKY
LO NO DICHO COMO ESPACIO DE SENTIDO: LENGUAJE Y CONSCIENCIA EN EL DIÁLOGO ENTRE
BAKHTIN Y VYGOTSKY

Ivo Di Camargo Junior¹

Fábio Marques de Souza²

Helaine de Souza Maciel³

1. Licenciado em Letras (UNESP/Assis), Filosofia (UFSJ) e Bacharel em História (UNESP/Franca). Mestre e Doutor em Linguística (UFSCar). Pós-Doutorado em Formação de Professores (PPGFP-UEPB). E-mail: side_amaral@hotmail.com
2. Licenciado em Letras-Português/Inglês e suas Literaturas (UniCesumar); Letras – Português/Espanhol (UNESP); Pedagogia (Uninove). Mestre em Educação (UNESP). Doutor em Educação (USP). E-mail:fabiohispanista@gmail.com
3. Licenciada em Letras-Español (UEPB). Doutoranda e Mestra em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG). E-mail: helaine.smaciol09@gmail.com

RESUMO: Este artigo desenvolve uma reflexão teórica acerca do não-dito como dimensão constitutiva da produção de sentido e da formação da consciência, a partir de uma aproximação entre as contribuições de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky. Partindo de uma concepção de linguagem compreendida como prática social, viva, histórica e ideologicamente atravessada, o estudo problematiza o silêncio, os intervalos discursivos e as zonas de indeterminação como elementos ativos do processo dialógico. A investigação assume caráter teórico-bibliográfico, de orientação qualitativa e interpretativa (Minayo, 2001; Silveira; Córdova, 2009), fundamentando-se na análise dialógica da linguagem em interlocução com psicologia histórico-cultural. Na aproximação entre as reflexões bakhtinianas sobre palavra, signo ideológico dialogismo e alteridade às concepções vygotskianas de mediação semiótica, linguagem interior e gênese social da consciência, argumenta-se que o não-dito não se configura como ausência ou falha comunicativa, mas como espaço de tensão, escuta e antecipação responiva. Sustenta-se, assim, que é nesse campo intervalar, habitado por sentidos em latência e por vozes socialmente partilhadas, que a consciência se constitui como processo histórico, social e inconcluso, abrindo possibilidade de leitura para debates contemporâneos nos campos da linguagem, da educação e da psicologia.

Palavras-chave: Não-dito; Consciência; Mikhail Bakhtin; Lev Vygotsky.

Recebido em: 30/01/2026

Aprovado em: 03/02/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

ABSTRACT: This article develops a theoretical reflection on the unsaid as a constitutive dimension of meaning production and the formation of consciousness, based on an approximation between the contributions of Mikhail Bakhtin and Lev Vygotsky. Starting from a conception of language understood as a social, living, historical practice permeated by ideology, the study problematizes silence, discursive intervals, and zones of indeterminacy as active elements of the dialogical process. The investigation adopts a theoretical-bibliographic approach, with a qualitative and interpretative orientation (Minayo, 2001; Silveira; Córdova, 2009), grounded in the dialogical analysis of language in dialogue with historical-cultural psychology. By bringing together Bakhtinian reflections on the word, the ideological sign, dialogism, and alterity with Vygotskian conceptions of semiotic mediation, inner speech, and the social genesis of consciousness, the article argues that the unsaid is not configured as absence or communicative failure, but rather as a space of tension, listening, and responsive anticipation. It is thus argued that it is within this intervallic field, inhabited by latent meanings and socially shared voices, that consciousness is constituted as a historical, social, and unfinished process, opening possibilities for interpretation in contemporary debates in the fields of language, education and psychology.

Keywords: Unsaid; Consciousness; Mikhail Bakhtin; Lev Vygotsky.

RESUMEN: Este artículo desarrolla una reflexión teórica acerca de lo no dicho como dimensión constitutiva de la producción de sentido y de la formación de la conciencia, a partir de una aproximación entre las contribuciones de Mikhail Bakhtin y Lev Vygotsky. Partiendo de una concepción del lenguaje entendido como práctica social, viva, histórica e ideológicamente atravesada, el estudio problematiza el silencio, los intervalos discursivos y las zonas de indeterminación como elementos activos del proceso dialógico. La investigación asume un carácter teórico-bibliográfico, de orientación cualitativa e interpretativa (Minayo, 2001; Silveira; Córdova, 2009), fundamentándose en el análisis dialógico del lenguaje en interlocución con la psicología histórico-cultural. En la aproximación entre las reflexiones bakhtinianas sobre la palabra, el signo ideológico, el dialogismo y la alteridad, y las concepciones vygotskianas de mediación semiótica, lenguaje interior y génesis social de la conciencia, se argumenta que lo no dicho no se configura como ausencia o falla comunicativa, sino como un espacio de tensión, escucha y anticipación responiva. Se sostiene, así, que en el campo de intervalo, habitado por sentidos en latencia y por voces socialmente compartidas, donde la conciencia se constituye como un proceso histórico, social e inconcluso, abriendo posibilidades de lectura para debates contemporáneos en los campos del lenguaje, la educación y la psicología.

Palabras-clave: No dicho; Conciencia; Mijaíl Bajtín; Lev Vygotsky.



Introdução

A aproximação entre grandes pensadores não se faz sem cautela. Quando se trata de autores cujas obras atravessam campos distintos do saber e permanecem vivas no debate contemporâneo, o gesto exige não apenas rigor conceitual, mas também uma escuta atenta às diferenças, aos deslocamentos e às tensões que sustentam o diálogo. É nesse horizonte que se insere a interlocução entre Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky¹ – dois pensadores russos que, embora não tenham estabelecidos um diálogo explícito e sistemático, compartilham um mesmo tempo histórico e uma preocupação comum com a linguagem, a consciência e a constituição do sujeito. É a partir desse campo compartilhado – e também de suas diferenças – que este artigo propõe um recorte específico de reflexão².

Nas primeiras décadas do século XX, a União Soviética constituiu um espaço singular de efervescência intelectual, atravessado por profundas transformações sociais, políticas e culturais. Nesse contexto, as reflexões sobre a linguagem assumiram papel central, seja como forma privilegiada de organização da vida social e da experiência humana, seja como mediação dos processos psicológicos superiores. Bakhtin, ao pensar a linguagem como essencialmente dialógica, recusou a ideia de um sujeito isolado e afirmou a constituição do sentido na relação viva entre vozes. Vygotsky, por sua vez, ao investigar a linguagem como mediadora do desenvolvimento e da formação da consciência, deslocou a filosofia para o terreno das relações sociais e culturais.

Ainda que partam de campos distintos – filosofia da linguagem e psicologia histórico-cultural –, ambos convergem na recusa de concepções individualistas da consciência. Em suas obras, o sujeito não se apresenta como instância autônoma e interiorizada, mas como processo em permanente formação, tecido nas interações sociais, nos discursos que circulam e nos signos culturalmente compartilhados. A consciência, nesse sentido, não emerge de dentro para fora, mas se constitui no espaço relacional, na tensão entre o eu e o outro, entre a palavra própria e a palavra alheia. É nesse horizonte que se inscreve a presente reflexão, voltada a problematizar o não-dito como dimensão ativa do processo dialógico e da formação da subjetividade.

Grande parte das leituras que aproximam Bakhtin e Vygotsky tende a enfatizar convergências conceituais amplas, como a centralidade da linguagem, o caráter social da consciência e a crítica às abordagens psicologizantes e formalistas. No entanto, tais aproximações, muitas vezes, deixam em segundo plano aspectos menos evidentes – porém decisivos – de suas reflexões, como o papel dos silêncios, dos implícitos e das zonas de indeterminação discursiva. Ao negligenciar essas dimensões, corre-se o risco de reduzir o diálogo a uma superfície verbal estabilizada, desconsiderando as tensões, os intervalos e as expectativas responsivas que atravessam toda interação discursiva.

Partindo dessa lacuna interpretativa, este artigo propõe tomar o não-dito como categoria analítica, compreendendo-o como não como ausência ou falha comunicativa, mas como espaço constitutivo da significação. Em uma perspectiva bakhtiniana, todo enunciado se constrói na relação com outros enunciados, de modo que o sentido não se encerra no que é verbalizado, mas se produz também no jogo

¹ As variações nas grafias do sobrenome *Vygotsky/Vigotski/Vigotsky* decorrem de diferentes sistemas de transliteração do russo para o alfabeto latino. Neste artigo, adota-se a forma *Vygotsky* no corpo do texto; nas citações diretas e nas referências, preserva-se a grafia das obras consultadas, em respeito à fidelidade bibliográfica.

² Este artigo é um recorte adaptado da tese de doutorado “Entre ecos e dissonâncias: um encontro dialógico entre Vygotsky (1896–1934) e o Círculo de Bakhtin (1895–1975)”, de autoria de Ivo Di Camargo Junior, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), defendida em 2025, em São Carlos/SP, com as adequações próprias do gênero artigo científico.



entre o dito, o implícito e o antecipado. Como afirma Bakhtin (2003, p. 272) “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”, o que implica reconhecer que os silêncios, as suspensões e os não-ditos integram o próprio tecido axiológico da linguagem, inscrevendo valores e posições sociais na produção do sentido.

Essa problematização encontra ressonância nas formulações de Vygotsky acerca da linguagem como mediação e da gênese social da consciência. Ao investigar o funcionamento do pensamento verbal e da linguagem interior, o autor evidencia que a atividade consciente não se organiza por meio de formas plenamente explicitadas, mas por processos condensados, atravessados por sentidos em latência. Nessa dinâmica, “o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada” (Vigotski, 2001, p. 465), o que permite compreender o não-dito como espaço de elaboração e reorganização dos sentidos no curso das interações sociais, e não como simples lacuna discursiva.

À luz dessa aproximação teórica, a investigação desenvolvida neste artigo assume caráter teórico-bibliográfico, de orientação qualitativa e interpretativa (Minayo, 2001; Silveira; Córdova, 2009), mobilizando os pressupostos da análise dialógica da linguagem em interlocução com a psicologia histórico-cultural. Ao tomar o não-dito como eixo analítico, busca-se evidenciar como o silêncio opera como matriz dialógica da consciência, constituindo-se como espaço de tensão, escuta e antecipação responsiva. Sem a pretensão de esgotar as complexas relações entre Bakhtin e Vygotsky, o artigo aprofunda um recorte específico que atravessa transversalmente suas reflexões, reafirmando o caráter aberto do diálogo e a impossibilidade de pensar o humano fora das relações, das vozes e dos silêncios que nos habitam – silêncios que não interrompem o diálogo, mas o constituem.

Para tanto, este artigo organiza-se em três seções, além desta introdução. Na primeira seção, discute-se a concepção de linguagem, palavra e consciência no pensamento de Mikhail Bakhtin, estabelecendo aproximações iniciais com as formulações de Lev Vygotsky e destacando o caráter social e axiológico do signo. Na segunda seção, aprofunda-se a reflexão sobre o não-dito como espaço de produção de sentido, problematizando silêncios, implícitos e zonas de indeterminação discursiva no âmbito do processo dialógico. Por fim, na terceira seção, desenvolve-se a análise acerca da constituição da consciência a partir do diálogo entre Bakhtin e Vygotsky, evidenciando o não-dito como dimensão mediadora entre linguagem, pensamento e subjetividade, a partir da qual se delineiam as considerações inconclusas do estudo.

Linguagem, palavra e consciência: aproximações entre Bakhtin e Vygotsky

O pensamento de Lev Vygotsky se desenvolve em um contexto de intensos embates teóricos no campo da psicologia soviética do início do século XX. Interessado pela articulação entre psicologia, arte, semiologia e aprendizagem, Vygotsky inicia sua trajetória acadêmica como professor na Escola de Magistério de Gomel, nos anos 1920, período em que ainda não gozava de amplo reconhecimento científico. Conforme Freitas (1996), é somente a partir de 1924 que sua produção passa a ocupar lugar de maior visibilidade no cenário da psicologia soviética, quando o autor começa a se destacar por sua postura crítica diante das vertentes dominantes da época.

O contexto histórico da recém-formada União Soviética impactava diretamente os rumos da ciência psicológica. De um lado, encontravam-se psicólogos subjetivistas, interessados na consciência e na introspecção; de outro, os objetivistas, que rejeitavam tais categorias em favor de uma psicologia do comportamento e dos reflexos. Rey (2012) explica que figuras como Chelpanov (1862-1936) representavam a vertente subjetivista, enquanto Pavlov (1849-1936) e Bekhterev (1857-1927) lideravam



uma psicologia objetivista de forte viés behaviorista. Kornilov (1879-1957), por sua vez, buscava uma síntese entre essas posições.

É nesse cenário que Vygotsky se insere de modo singular. No II Congresso Pan-Russo de Psiconeurologia, em 1924, ao apresentar o trabalho “*O método de investigação reflexológica e psicológica*”, o autor causa impacto ao criticar a incapacidade da reflexologia em explicar a consciência, ao mesmo tempo em que se distancia do subjetivismo clássico. Freitas (1996) destaca que Vygotsky assumia uma aproximação com o materialismo marxista, mas recusava os reducionismos então vigentes, propondo que a consciência permanecesse como objeto legítimo da psicologia, desde que investigada de forma objetiva.

Van der Veer e Valsiner (1996) observam que, nesse momento, Vygotsky comprehendia a consciência como um mecanismo sofisticado de transmissão de reflexos, já articulando a noção de gênese social da consciência. Essa posição o aproximou do Instituto de Psicologia de Moscou, onde passou a atuar ao lado de Kornilov (1897-1957), iniciando uma fase produtiva de sua trajetória, interrompida precocemente por sua morte em 1934. Assim como Bakhtin, Vygotsky também foi vítima da censura stalinista, tendo sua obra silenciada por décadas, conforme relembra Rego (1995, p. 34):

Após sua morte, Vygotsky teve a publicação de suas obras proibidas na União Soviética, no período de 1936 a 1956, devido à censura do totalitário regime stalinista e foi, por um longo período, ignorado no Ocidente. Começou a ser redescoberto somente a partir de 1956, data da reedição soviética do livro: Pensamento e linguagem. As ideias de Vygotsky puderam ser conhecidas no Ocidente a partir de 1962 [...]. (Rego, 1995, p. 34).

A centralidade da consciência como problema teórico é explicitada na conferência “*A consciência como problema da Psicologia do comportamento*”, apresentada por Vygotsky em 1924. Nela, o autor defende que a consciência tem origem social e que a palavra emerge da conduta social humana, ainda que, nesse momento, a noção de mediação por instrumentos e signos não estivesse plenamente desenvolvida. Lordelo *et al.* (2010) reforçam que, para Vygotsky, o comportamento humano é essencialmente social e cultural, sendo essa a base de sua teoria psicológica.

Ao criticar o dualismo mente-comportamento, Vygotsky afirma que tanto a psicologia subjetivista quanto a behaviorista mantinham uma cisão artificial entre esses fenômenos. Em suas palavras: “Esta é a outra metade do mesmo dualismo. Antes tínhamos a mente sem comportamento. Agora temos o comportamento sem a mente. Em ambos os casos, nós temos mente e comportamento compreendidos como dois fenômenos distintos e separados”. (Vygotsky 1979 *apud* Freitas, 1996, p. 84).

A superação dessa cisão exigiria, segundo o autor, um novo sistema teórico-metodológico. Essa proposta se aprofunda em “*O sentido histórico da crise da psicologia*”, no qual Vygotsky (2004) reconhece a pluralidade de escolas psicológicas como sintoma de uma crise estrutural da ciência psicológica. Ele chega a afirmar:

Psicologias, sendo exato, existem duas: dois tipos distintos, inconciliáveis de ciência; duas construções do sistema de saber radicalmente diferentes. O restante são só diferenças nas perspectivas, escolas, hipóteses; combinações parciais, tão completas, tão confusas e entremeadas, cegas e caóticas, que com freqüência é muito difícil se orientar. (Vygotsky, 2004, p. 335, itálico do autor).

Diante dessa crise, Vygotsky defende a necessidade de uma psicologia que articule os métodos das ciências naturais com uma compreensão histórico-social dos processos psíquicos. Para ele, a consciência não é fonte dos signos, mas resultado da interação com eles, ideia que estabelece um ponto de contato



ARTIGO ORIGINAL

decisivo com o pensamento de Bakhtin. Ao desenvolver sua psicologia histórico-cultural, Vygotsky concebe os signos como instrumentos mediadores da atividade humana. A internalização desses instrumentos possibilita o desenvolvimento das funções mentais superiores, processo que ele descreve como a transformação do interpessoal em intrapessoal:

[...] um processo interpessoal é transformado em num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre as pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). (Vygotsky, 2008, p. 64).

Essa compreensão da consciência como fenômeno mediado socialmente encontra forte ressonância no pensamento do Círculo de Bakhtin. Embora Bakhtin não tenha se dedicado diretamente à psicologia como campo disciplinar central, suas reflexões sobre linguagem, consciência e alteridade oferecem contribuições fundamentais para esse debate.

Em “*O autor e a personagem na atividade estética*”, Bakhtin (2011) apresenta a arquitetônica do eu, estruturada nas categorias “eu para mim”, “eu para o outro” e “outro para mim”, revelando uma concepção relacional da consciência. O sujeito, portanto, não é um dado acabado, mas se constitui na relação com o outro, em um processo ético-estético contínuo. Diante disso, afirma: “Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir; para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais –, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente.” (Bakhtin, 2011, p. 11).

Sob essa perspectiva, nas obras do Círculo – especialmente naquelas publicadas sob o nome de Valentin Volóchinov –, a crítica às psicologias subjetivistas e objetivistas articula-se diretamente a uma concepção de linguagem como espaço de tensão, conflito e produção de sentido. Em “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” (2006) e “*O Freudismo*” (2007), ambos textos fundamentais do final da década de 1920, o debate psicológico não se limita à constituição da consciência enquanto fenômeno interno, mas desloca-se para o campo das relações sociais, do signo ideológico e das condições históricas de produção dos sentidos.

Nesse deslocamento, o que ganha relevância não é apenas o que se explicita, mas também aquilo que permanece silenciado, implícito ou não tematizado, uma vez que a consciência, para o Círculo, não se forma por conteúdos transparentes e imediatos mas por processos de significação atravessados por valores, entonações e disputas ideológicas. É nesse ponto que se evidencia a aproximação entre Bakhtin, seu Círculo e Vygotsky, ao compartilharem a crítica às concepções individualistas da psicologia e ao afirmarem a mediação da palavra e da interação social como elementos centrais da constituição do sujeito.

Assim, a consciência não pode ser compreendida como um espaço plenamente dito ou inteiramente acessível ao próprio sujeito, mas como uma construção social marcada por vozes outras, por relações de alteridade e por zonas de silêncio que também produzem sentido. Aquilo que não se diz explicitamente – o implícito, o subentendido, o não-dito – participa ativamente da constituição da consciência, na medida em que esta se forma no embate entre diferentes discursos e valores sociais. É nesse horizonte que Bakhtin/Volóchinov afirma ser tarefa fundamental do marxismo a constituição de uma psicologia verdadeiramente objetiva, não por eliminar a subjetividade, mas por comprehendê-la em sua base social, ideológica e discursiva. Nessa perspectiva, a palavra assume estatuto privilegiado, pois é nela que se materializam as relações sociais, os conflitos de sentido e as marcas ideológicas que estruturam a consciência:

A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista e ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). A ideologia não pode se derivar da consciência, como pretendem o



idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. (Bakhtin, 2006, p. 35- 36).

A partir dessa compreensão, a palavra deve ser entendida como elemento central tanto da conduta social quanto da formação da consciência, uma vez que o comportamento é social e culturalmente organizado. A análise do desenvolvimento do significado das palavras não pode, portanto, prescindir de sua função na comunicação, espaço em que se entrelaçam dimensões sociais, ideológicas e psicológicas. É nesse ponto que se evidencia a convergência com Vygotsky, cuja investigação se orienta pelo princípio da gênese social da consciência, refletindo sobre o modo como a palavra media interações sociais concretas e participa da constituição dos significados.

A palavra, enquanto forma material do signo, apresenta-se como um espaço relativamente neutro, passível de ser preenchido por distintas funções ideológicas, acompanhando e comentando todo ato ideológico. Dessa forma, tanto em Bakhtin e no Círculo quanto em Vygotsky, a palavra adquire um valor singular: ela não expressa a consciência, mas a constitui, articulando linguagem, ideologia e experiência social.

Ao aproximar Bakhtin e Vygotsky, percebe-se que ambos concebem a consciência como produto das relações sociais mediadas pela linguagem. Se Vygotsky enfatiza a palavra como instrumento psicológico que organiza o pensamento e regula a atividade, Bakhtin a comprehende como espaço dialógico de múltiplas vozes, no qual se constituem sentidos, valores e subjetividades. Apesar das diferenças de foco – psicologia do desenvolvimento em Vygotsky, filosofia da linguagem e estética em Bakhtin –, ambos convergem na recusa a reducionismos biológicos, fisiológicos ou individualistas.

Assim, linguagem, palavra e consciência configuram-se como categorias indissociáveis em ambos os pensadores. A consciência não precede o social, nem a linguagem é mero reflexo interno: elas emergem no entrelaçamento das vozes, na historicidade dos signos e na interação viva entre eu e outro. É nesse terreno comum que se fundamenta a aproximação teórica aqui proposta, abrindo caminho para a análise do não-dito, dos silêncios e das zonas de tensão que atravessam a produção de sentido – eixo que será aprofundado nas seções seguintes do artigo.

Entre vozes e silêncios: o não-dito como espaço de produção de sentido

Pensar a linguagem a partir de uma perspectiva dialógica implica, antes de tudo, deslocá-la de uma concepção instrumental ou meramente formal. O gesto teórico empreendido pelo Círculo de Bakhtin nasce justamente da recusa tanto do objetivismo abstrato quanto do subjetivismo idealista, correntes que, ao privilegiarem ora a estrutura da língua, ora a interioridade psíquica do sujeito, acabaram por esvaziar o caráter vivo, social e ideológico da linguagem. É nesse horizonte crítico que Bakhtin e seus interlocutores passam a compreender a palavra não como uma forma neutra, mas como acontecimento situado, atravessado por valores, vozes e disputas de sentido.

Ao problematizar a ideia de língua como sistema fechado, Bakhtin questiona frontalmente a separação rígida entre *langue* e *parole*, chamando atenção para o fato de que a linguagem só existe em sua realização concreta, histórica e socialmente situada. Nessa direção, na obra “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*” (2006), o autor afirma que:



ARTIGO ORIGINAL

A idéia (sic) de uma língua convencional, arbitrária, é característica de toda corrente racionalista, bem como o paralelo estabelecido entre o código lingüístico (sic) e o código matemático. Ao espírito orientado para a matemática, dos racionalistas, o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou com o indivíduo que o engendra, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado, e não obstante aceito e integrado. Em outras palavras, só lhes interessa a lógica interna do próprio sistema de signos; este é considerado, assim como na lógica, independentemente por completo das significações ideológicas que a ele se ligam. (Bakhtin, 2006, p.83-84).

Essa crítica abre caminho para a compreensão do signo como fenômeno essencialmente ideológico. Longe de funcionar como simples meio de transmissão, o signo é concebido como arena de conflitos sociais, lugar onde se cruzam forças, interesses e valores. Como sintetiza Bakhtin (2006, p. 30) “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.”.

Nessa perspectiva, todo enunciado se insere em uma cadeia de produção e compreensão ideológica que o antecede e o ultrapassa. O sentido, portanto, não se encerra no dito, mas se constrói na relação entre enunciados, nas respostas antecipadas, nos ecos de outras vozes e nos silêncios que atravessam o discurso. É por isso que, para o Círculo, os signos só podem emergir no espaço relacional entre sujeitos socialmente organizados, isto é:

Os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. (Bakhtin, 2006, p. 33).

Observa-se que essa concepção desloca radicalmente a noção de sentido. O que está em jogo não é apenas aquilo que se manifesta explicitamente na materialidade verbal, mas também aquilo que permanece implícito, sugerido, silenciado. O não-dito, nesse quadro, deixa de ser compreendido como ausência ou falha comunicativa e passa a ser reconhecido como dimensão constitutiva da significação.

A distinção proposta por Bakhtin (2006) entre significação e tema é fundamental para compreender esse funcionamento. Enquanto a significação remete a um conteúdo relativamente estável e compartilhável, o tema corresponde à atualização concreta do enunciado em uma situação histórica específica, carregada de entonações valorativas e de sentido excedentes. Nas palavras do autor:

A maneira mais correta de formular a inter-relação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui o estágio superior real da capacidade lingüística (sic) de significar. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto. (Bakhtin, 2006, p. 134).

É justamente nesse excedente do tema – que nunca se deixa capturar inteiramente pela palavra – que o não-dito se instala como zona de latência e tensão. O silêncio, longe de interromper o diálogo, integra-o como condição de possibilidade, funcionando como espaço de acúmulo, conflito e reorganização dos sentidos. Nesse movimento reflexivo, essa compreensão da linguagem repercute diretamente na concepção de consciência. Para o Círculo de Bakhtin, a *psique* não se constitui como instância interior isolada, mas como fronteira, como lugar de passagem entre o social e o individual. A consciência é, antes de tudo, socioideológica, formada pelos signos que circulam na vida social:



ARTIGO ORIGINAL

O psíquico goza de extraterritorialidade em relação ao organismo. É o social infiltrado no organismo do indivíduo. E tudo que é ideológico é extraterritorial no domínio sócio-econômico (sic), pois o signo ideológico, situado fora do organismo, deve penetrar no mundo interior para realizar sua natureza semiótica. (Bakhtin, 2006, p. 64).

A palavra, nesse sentido, não apenas expressa o pensamento, mas o constitui. Mesmo quando não se exterioriza plenamente, ela organiza a atividade mental por meio de abreviações, condensações e silêncios. O discurso interior, longe de ser transparente, é atravessado por vozes alheias, por palavras herdadas, por sentidos ainda não estabilizados. É por isso que:

É preciso insistir sobre o fato de que não somente a atividade mental é expressa exteriormente com a ajuda do signo (assim como nos expressamos para os outros por palavras, mímica ou qualquer outro meio), mas ainda que para o próprio indivíduo, ela só existe sob a forma de signos. Fora deste material semiótico, a atividade interior, enquanto tal, não existe. (Di Camargo Jr., 2025, p. 90).

É nesse ponto que a aproximação com Vygotsky se torna particularmente fecunda. Ao investigar o funcionamento do pensamento verbal, o pensador evidencia que o sentido de uma palavra nunca se reduz ao seu significado fixo. O sentido é móvel, fluído, dependente do contexto e das relações que o sujeito estabelece com o outro e com a situação. Nesse quadro teórico, Vigotski (2001) estabelece uma distinção fundamental entre sentido e significado, compreendendo este último como uma dimensão mais estável e convencional da palavra, que se atualiza de modos diversos no discurso, conforme explica a seguir:

O sentido real de uma palavra é inconstante. Em uma operação ela aparece com um sentido, em outra, adquire outro. (...). Tomada isoladamente no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido (Vigotski, 2001, p. 465).

Desse modo, reforçamos a ideia de que o não-dito não se localiza fora do discurso, mas em seu interior mais denso. Silêncios, pausas, elipses e implícitos constituem o tecido da linguagem, funcionando como operadores de sentido e de consciência. O diálogo, assim, não se esgota na alternância de falas, mas se sustenta também naquilo que permanece suspenso, à espera de resposta. O pensamento, em sua forma originária, apresenta-se como uma totalidade simultânea, ao passo que a linguagem se estrutura de maneira sucessiva, linear e fragmentada. A passagem do pensamento para a palavra exige, portanto, um trabalho de decomposição e reorganização que nunca consegue apreender plenamente a totalidade da ideia concebida.

Nesse sentido, Vigotski (2001, p. 17) observa que o pensamento não se divide espontaneamente em unidades equivalentes às palavras, exigindo uma tradução sempre imperfeita para o plano da linguagem; por isso, afirma que “para a psicologia atual, estudar uma questão como pensamento e linguagem significa, ao mesmo tempo, desenvolver uma luta ideológica com as concepções teóricas opostas.”.

Em vez de configurar-se como um entrave, essa tensão existente entre pensamento e linguagem atua como força propulsora do desenvolvimento cognitivo humano. É precisamente no empenho de expressar e de reestruturar o pensamento por meio da linguagem que o sujeito promove a transformação de suas próprias operações mentais. Trata-se de um processo dialético, assimétrico e não-linear, no qual pensamento e linguagem se influenciam mutuamente.

A convergência entre Bakhtin e Vygotsky torna-se ainda mais evidente quando ambos compreendem a linguagem como mediação essencial da vida psíquica. Para Bakhtin (2003, p. 282), “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”. Para Vigotski (2001, p. 282), a internalização da linguagem não



ocorre como simples interiorização mecânica, mas como reconstrução ativa de operações sociais no plano da consciência, uma vez que “a tomada de consciência não surge como um degrau superior e necessário no desenvolvimento a partir de conceitos não-conscientizados, mas é trazida de fora. Um modo de agir simplesmente desloca outro.”.

Nesse horizonte, o não-dito não aparece como resto ou falha, mas como condição mesma da significação. A palavra, ao mesmo tempo que materializa o pensamento, o deixa incompleto, aberto à resposta do outro e às ressignificações do tempo. É nesse espaço intervalar que Bakhtin e Vygotsky compreendem a linguagem como espaço vivo de memória, conflito e criação, no qual o sujeito se constitui entre vozes, silêncios e sentidos sempre em devir.

Do diálogo ao pensamento: o não dito na constituição da consciência

Ao refletir sobre a linguagem como eixo constitutivo da consciência, torna-se necessário deslocá-la de uma compreensão estritamente instrumental para concebê-la como prática social viva, historicamente situada e ideologicamente atravessada. Tal deslocamento, central no pensamento de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo, orienta a presente análise, que se inscreve em uma investigação teórico-bibliográfica de natureza qualitativa e interpretativa, voltada à problematização do não-dito como dimensão constitutiva do processo dialógico e da formação da subjetividade.

Esse movimento teórico se explicita, inicialmente, no modo como Bakhtin problematiza o próprio gesto de conhecer a linguagem. Em *“Marxismo e filosofia da linguagem”* (2006), o autor chama atenção para os limites de uma abordagem que busca capturar a linguagem por meio de abstrações formais, ressaltando que sua apreensão não se inaugura pela inteligência conceitual, mas por uma tentativa sensível de aproximação de um objeto que escapa à visibilidade e à materialidade imediata:

No início do trabalho heurístico, não é tanto a inteligência que procura, construindo fórmulas e definições, mas os olhos e as mãos, esforçando-se por captar a natureza real do objeto; acontece que, em nosso caso, os olhos e as mãos se encontram numa posição difícil: os olhos nada vêem, as mãos nada podem tocar, é o ouvido que, aparentemente mais bem situado, tem a pretensão de escutar a palavra, de ouvir a linguagem (Bakhtin, 2006, p. 68).

Essa formulação inaugura uma concepção de linguagem que se constitui no entremedio da experiência, da escuta e da interação social. A palavra, nesse sentido, não se oferece como objeto plenamente dado, mas como acontecimento discursivo atravessado por valores, entonações e posições sociais. É a partir desse horizonte que o conceito de signo ideológico adquire centralidade no pensamento do Círculo de Bakhtin, pois toda reflexão sobre a linguagem implica, necessariamente, uma reflexão sobre ideologia.

Nos textos do Círculo, a ideologia não é concebida como instância externa ou superposta à vida social, mas como o próprio modo pelo qual a realidade é refratada simbolicamente. Volóchinov (2013 [1930], p. 138) define ideologia como “todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas e outras formas sígnicas”. Desse modo, o signo não atua como simples veículo neutro de significação, mas como espaço de interpretação, no qual se inscrevem posições sociais e acentuações valorativas.

Essa compreensão permite afirmar que o signo ideológico se configura como lugar de tensão e disputa de sentidos. Como destaca Bakhtin (2006, p. 138), “Em qualquer enunciação, por maior que seja amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence



à apreciação”, o que implica reconhecer que todo dizer carrega avaliações socialmente orientadas. O signo, portanto, não representa passivamente a realidade, mas a interpreta, produzindo sentidos em um campo marcado por conflitos e assimetrias.

A análise do processo pelo qual objetos materiais podem adquirir valor ideológico torna esse funcionamento particularmente visível. Ao discutir o exemplo da foice e do martelo, Bakhtin demonstra que um instrumento pode ser investido de sentido ideológico sem perder sua função prática, evidenciando que o valor simbólico não reside no objeto em si, mas nas relações sociais que o atravessam:

O mesmo se dá com um instrumento de produção. Em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico. Todo instrumento de produção pode, da mesma forma, se revestir de um sentido ideológico: os instrumentos utilizados pelo homem pré-histórico eram cobertos de representações simbólicas e de ornamentos, isto é, de signos. Nem por isso o instrumento, assim tratado, torna-se ele próprio um signo. (Bakhtin, 2006, p. 29-30).

Essa distinção permite compreender por que a palavra ocupa um lugar singular no universo dos signos. Diferentemente dos objetos, ela nasce já como signo ideológico, uma vez que sua materialidade está integralmente absorvida por sua função significante. Para Bakhtin (2006, p. 34), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”, pois sua existência se realiza plenamente na interação verbal concreta, no encontro entre vozes socialmente situadas.

É precisamente nesse ponto que a reflexão se desloca para a constituição da consciência. Ao propor um exercício de observação do fluxo interno de palavras, imagens e sons, Bakhtin evidencia que a consciência não se organiza fora da linguagem. O pensamento, longe de anteceder a palavra, toma forma por meio dela, especialmente na linguagem interior, entendida como um fluxo verbal que estrutura desejos, emoções e imagens:

A completa falta de ser, similar ao estado de inconsciência, ou ao sono sem sonhos. Para voltar ao estado normal “consciente” deveremos romper esse muro do não-ser, regressar à confusão viva das palavras e das imagens com que tomam corpo nossos pensamentos, desejos e sentimentos; deveremos pronunciar palavras para nós mesmos, ainda que seja somente uma pequena palavra, “eu”. (Volóchinov, 2013, p. 146).

A linguagem interior, nessa perspectiva, não pode ser compreendida como fenômeno puramente individual ou psicológico. Ela resulta de processos de socialização e expressa a síntese dialética entre o psíquico e o ideológico. Em toda enunciação, afirma Bakhtin (2006, p. 66), renova-se “essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior”, na qual a palavra se constitui como arena de valores sociais em conflito:

Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. (Bakhtin, 2006, p. 66).

É justamente nesse ponto que se torna possível aproximar as reflexões de Bakhtin e Vygotsky. Embora partam de campos distintos, ambos convergem ao compreender a linguagem como condição de



possibilidade do pensamento e da consciência. Vygotsky, ao investigar o desenvolvimento cognitivo, demonstra que pensamento e linguagem não são processos paralelos que se cruzam ocasionalmente, mas constituem uma unidade dinâmica no significado das palavras:

[...] seria errado considerar o pensamento e a fala como dois processos independentes, paralelos, que se cruzam em determinados momentos e influenciam mecanicamente um ao outro. A ausência de um elo primário não significa que uma conexão entre eles só possa estabelecer-se de uma forma mecânica. [...] Encontramos essa unidade do pensamento verbal no significado das palavras [...]. (Vygotsky *et. al.*, 2005, p. 150).

Para Vygotsky, o significado não é estático, mas um processo em transformação contínua, que se reconfigura à medida que o sujeito se insere em novas práticas sociais. Na linguagem interior, esse movimento se intensifica, pois nela “o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra, de todo o contexto sobre a frase não é exceção (sic) mas regra constante” (Vygotsky, 2001, p. 467). Tal formulação aproxima-se das reflexões bakhtinianas ao evidenciar que o pensamento se organiza em zonas de indeterminação, atravessadas por sentidos em latência.

À luz dessa aproximação teórica, o não-dito emerge não como ausência ou falha comunicativa, mas como dimensão constitutiva do processo dialógico. Silêncios, intervalos e implícitos participam ativamente da produção de sentido, operando como espaços de escuta, antecipação responsável e tensão ideológica. Como sintetiza Bakhtin (2006, p. 32), “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, consequentemente, somente no processo da interação verbal”.

Na aproximação entre as reflexões bakhtinianas e as concepções vygotskianas de linguagem como mediação, torna-se evidente que o não-dito não pode ser compreendido como simples lacuna discursiva. Em Bakhtin, todo enunciado se orienta para um outro, real ou presumido, e carrega em si a expectativa de resposta, ainda que esta não se realize de forma verbalizada. Essa antecipação responsável estrutura o dizer e, simultaneamente, delimita aquilo que permanece em suspenso ou apenas insinuado. O não-dito, nesse sentido, emerge quando os sentidos são produzidos não apenas pelo que se diz, mas também pelo que se cala estratégicamente, pelo que se posterga ou pelo que se deixa à escuta do outro. Trata-se, portanto, de um espaço ativo de significação, atravessado por valores, posições axiológicas e horizontes sociais compartilhados.

Sob a perspectiva vygotskiana, essa mesma dimensão ganha densidade ao ser compreendida no âmbito da formação da consciência. A linguagem, ao mediar a relação entre o sujeito e o mundo, não se limita à exteriorização do pensamento já formado, mas participa de sua própria constituição. A linguagem interior, marcada pela condensação e pela predominância do sentido sobre o significado, opera justamente nesse terreno do não-dito, onde o pensamento ainda não se estabilizou em formas verbais plenas. Ao articular essas contribuições, pode-se compreender o não-dito como um campo de escuta e de antecipação, no qual a consciência se constrói de maneira processual e histórica. Assim, o silêncio e os intervalos discursivos não indicam falhas comunicativas, mas revelam o movimento vivo da significação, no qual o sujeito se constitui na relação com o outro e com os sentidos ainda em devir, nunca plenamente estabilizados.

Argumenta-se, assim, que é nesse espaço silencioso – habitado por sentidos não plenamente formulados, mas socialmente compartilhados – que a consciência se constitui como processo histórico, social e inconcluso. Ao tomar o não-dito como categoria analítica, este estudo contribui para aprofundar o diálogo entre Bakhtin e Vygotsky, evidenciando a centralidade da linguagem na constituição da



subjetividade e abrindo caminhos para novas leituras nos campos da linguagem, da educação e da psicologia.

Conclusões inconclusas

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo permitiram sustentar que o não-dito ocupa um lugar central na compreensão da linguagem, do diálogo e da constituição da consciência, quando pensados a partir das contribuições de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky. Ao deslocar o olhar do que se manifesta explicitamente no discurso para os silêncios, os intervalos e os sentidos em latência, buscou-se evidenciar que a produção de sentido não se esgota na palavra enunciada, mas se constrói no espaço relacional que articula vozes, expectativas e antecipações responsivas.

Na interlocução entre a filosofia da linguagem bakhtiniana e a psicologia histórico-cultural vygotskiana, tornou-se possível compreender que a consciência não se configura como instância interior autônoma, tampouco como reflexo imediato da realidade, mas como processo histórico e social mediado pela linguagem. Nesse percurso, o não-dito revelou-se não como resto ou falha do dizer, mas como dimensão constitutiva da significação, operando como espaço de escuta, tensão e reorganização dos sentidos.

Ao assumir o não-dito como categoria analítica, este estudo não pretendeu esgotar as complexas relações entre Bakhtin e Vygotsky, nem oferecer uma síntese definitiva de seus pensamentos. Ao contrário, a opção por considerações inconclusas reafirma o caráter aberto do diálogo teórico aqui proposto, em consonância com a própria concepção bakhtiniana de linguagem como processo inacabado e responsável. Os sentidos produzidos neste artigo permanecem, assim, disponíveis à réplica, à contestação e à reinterpretação, inscritas na dinâmica viva da circulação discursiva.

Nesse cenário, ao destacar o silêncio e o não-dito como dimensões ativas da linguagem e da consciência, o artigo busca contribuir para os debates contemporâneos nos campos da linguagem, da educação e da psicologia, sobretudo no que diz respeito às formas de compreender o sujeito como ser relacional, atravessado por vozes outras e constituído em meio a conflitos de sentido. Pensar o humano a partir do que se diz e, igualmente, do que se cala, implica reconhecer que é nesse entremedio – instável, tenso e criativo – que se produzem a consciência, a subjetividade e a possibilidade mesma do diálogo.

Dessa maneira, refletir sobre o não-dito como espaço de produção de sentido no diálogo entre Bakhtin e Vygotsky se realiza à medida que se evidencia o papel ativo dos silêncios, dos implícitos e das zonas de indeterminação discursiva na constituição da consciência. Ao longo das análises, buscou-se mostrar que o não-dito atravessa tanto a concepção bakhtiniana de enunciado, orientado pela alteridade e pela antecipação responsável, quanto as formulações vygotskianas acerca da linguagem interior e da dinâmica entre sentido e significado. Desse modo, o não-dito emerge não como resíduo do dizer, mas como dimensão constitutiva do processo dialógico, na qual linguagem, pensamento e subjetividade se entrelaçam de forma histórica e socialmente situada.

Convém sublinhar, entretanto, que as reflexões aqui desenvolvidas se organizam como um recorte teórico específico, necessariamente parcial e situado. Ao eleger o não-dito como eixo analítico, outras entradas possíveis na obra de Bakhtin e Vygotsky permanecem em segundo plano, não por esgotamento conceitual, mas por opção metodológica. Tal delimitação reafirma o próprio princípio bakhtiniano de que todo dizer se constitui a partir de uma posição valorativa e de um horizonte determinado, o que implica reconhecer que nenhum texto encerra o sentido, mas apenas o orienta provisoriamente no interior da cadeia discursiva.



Portanto, assumir estas considerações como inconclusas significa reconhecer o caráter responsivo e inacabado do diálogo teórico aqui proposto. Os sentidos produzidos neste estudo não se pretendem finais, mas abertos à réplica, à contestação e à (re)acentuação por outros sujeitos, em outros contextos históricos e discursivos. Nesse entremeio – onde o dito se articula ao não-dito, e onde o silêncio não interrompe, mas sustenta o diálogo – delineia-se uma concepção de consciência como processo vivo, atravessado por vozes alheias e por sentidos em devir. É nesse espaço de tensão e abertura que este estudo se inscreve, não como ponto de chegada, mas como convite à continuidade da reflexão.

Referências

- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **O freudismo**: um esboço crítico. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- DI CAMARGO JR, I. **Entre ecos e dissonâncias**: um encontro dialógico entre Vygotsky (1896-1934) e o Círculo de Bakhtin (1895-1975). 176 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Campus São Carlos, São Carlos, 2025.
- FREITAS, M.T.A. **Vygotsky e Bakhtin**. Psicologia e Educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1996.
- LORDELO, L. R.; TENÓRIO, R. M. A consciência na obra de L. S. Vygotsky: análise do conceito e implicações para a Psicologia e a Educação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n.1, p. 79-86, 2010.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- REY, F. L. G. Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: focando algumas omissões da interpretação ocidental. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 263-271, 2012.
- Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dqTJZFBXmW9y939LVnMcrcs/abstract/?lang=pt>. Acesso em 28 jan. 2026.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.
- VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **Vygotsky**: Uma síntese. São Paulo: Loyola, 1996.
- VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIGOTSKY, L. S; LEONTIEV, A.; LURIA, A. R. *et al.* **Psicologia e Pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Trad. Rubens Eduardo frias. São Paulo: Centauro, 2005.
- VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. tradução Claudia Berliner. -3u ed. -São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **Pensamento e Linguagem**. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 101.
- VOLÓCHINOV, V. N. Que é a linguagem (1930). In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 131-156.
- _____. A construção da enunciação (1930). In: **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 157-188.